



BERNARDO JUSSIEU.

O museu d'história natural de Paris é o mais vasto estabelecimento que se tem consagrado á sciencia da natureza; poderão existir (dizia Cuvier) collecções mais completas quanto a certos ramos, mas nenhuma por certo ha que apresente um conjunto de todos os da sciencia melhor organizado e composto. Denominam-n'o geralmente o Jardim das Plantas, em razão d'esta parte importante que comprehende mais de cinquenta geiras francezas, na qual, bem como em estufas, egualmente numerosas e vastas, se offerecem á vista mais de sete mil especies de plantas na sua vegetação, associando-se alli em patria adoptiva as habitantes dos differentes climas; terrenos especiaes estão reservados ás plantas uteis, e ás arvores fructíferas ou florestaes. Um amplissimo pateo de bichos, que fica ao lado do jardim, conserva continuamente mui grande e variada quantidade de animaes vivos, transportados de todas as regiões: elephantes, camellos, zebras, lhamas do Perú, kanguruges, gazellas, leões, tigres, toda a casta de pantheras, macacos, etc., alli permanecem, sendo revezados os typos que perecem, para que, depois de terem sido observados em vida pelos naturalistas relativamente aos habitos, forneçam, quando mortos, aos anatomicos observações não menos importantes pelo que toca á organi-

sação animal. Os gabinetes de productos preparados apresentam em bellissima ordem quanto ha que a natureza crie que possa conservar-se. A collecção dos quadrúpedes é superior a todas que n'este genero se conhecem; as outras classes são da mesma fórma extremamente abundantes e ricas; os herbarios, vivendo ainda Cuvier, continham acima de vinte mil especies de plantas. — Este jardim data a sua origem, mas tenue, desde o reinado de Luiz XIII. Foi a administração do famoso e eloquente Jorge Luiz Le Clerc, mais conhecido pelo seu titulo de conde de Buffon, que no meiado do seculo passado deu vigoroso impulso a este grande estabelecimento, o qual desde então não tem cessado de enriquecer-se; porquanto circumstancias favoraveis, como os resultados das viagens e explorações recentes, o tem elevado ao duplo depois da morte d'aquelle homem celebre. — Outro sabio naturalista, Geoffroy de St. Hilaire, ha pouco fallecido, a quem Buffon chamou como chamára Daubenton, com grandissimas diligencias conseguiu augmentar o museu em geral, mas particularmente na curiosa collecção de animaes vivos, e na dos animaes empalhados, que é hoje o modelo n'este genero.

O ensino das sciencias naturaes está distribuido

por diferentes cadeiras, cujos professores administram em commum o estabelecimento sob as ordens e a inspecção do ministro do reino. Homens distinctos, gloria da Frauga, teem pertencido a esta brilhante escola, e longo seria enumeral-os; de bastantes já por vezes temos fallado, mais ou menos extensamente, nas series d'este jornal. Os dois Jussieu não foram dos menos notaveis. Bernardo de Jussieu, demonstrador de botanica no jardim das plantas, e membro da Academia das Sciencias, foi um d'esses philosophos praticos que dedicaram a vida inteira ao estudo e a virtude, em silencioso retiro das turbulencias das paixões politicas e das ambições mundanas. Adquiriu saber immenso, fez importantes descobrimentos na sciencia, mas deixou poucas obras; porém a sua memoria é prezada de numerosos discipulos, muitos dos quaes se illustraram na mesma carreira, e que, pelo fructo das lições de tão conspicuo mestre, chegaram a eminentes logares no magisterio. — Bernardo de Jussieu falleceu em 1777.

Antonio Lourenço de Jussieu, sobrinho e discipulo do precedente, um dos primeiros botanicos da nossa idade, é auctor do importante livro *Familias naturaes das plantas*; elle proprio confessa ser devedor a seu tio das primeiras idéas d'esta obra classica.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

(Romance Historico.)

Introdução.

Cura, che di timor ti nutri e cresci.
PETRARCHA — *Sonnet.*

ABRINDO em um capitulo o Nobiliario attribuido ao conde D. Pedro, achei a tradição do rapto de D. Maria Paes, amante de Sancho I, por Gomes Lourenço da familia do famoso Viegas de Riba-Douro, denominado pelos chronistas o *Espadeiro*.

Logo á primeira leitura me travou o sabor rustico, mas agradável, das historias populares cantadas com a ingenuidade do velho estylo patriarchal. O quadro do *Livro das Linhagens* lembra aquelles paineis dos flamengos, aonde com simpleza e naturalidade, demasiada as vezes, as figuras destacam para conversar o serão, illuminadas pela chamma que arde nas gothicas chaminés.

Pelo menos produziu em mim este effeito. Por momentos consolei-me, respirando o ar aspero em que foi creada a infancia de Portugal.

O colorido do estylo é antigo, e incorrecto o desenho das scenas. É verdade; mas toques e physionomias ha alli que hoje se não encontrarão, a não ser em alguns retabulos da escola chamada de *Grão-Tasco*.

O drama e a novella historica, se quizerem a honra de nacionaes, devem estudar muitas d'estas lendas do Nobiliario, e repassar-se nellas do espirito das epochas passadas. Aquelles retratos quasi apagados já, anima-os ainda um resto da alma da vida e das crenças dos primeiros seculos. Pedacos do grande espelho em que elles se encravam é necessario ajunctal-os e embebel-os na moldura moderna para tornar a vér alguns dos seus defeitos e bellezas (1).

(1) O verdadeiro caracter do *Livro das Linhagens* ficou-o, com a sua costumada critica e erudição, o meu amigo o sr. Alexandre Herculano em o 1.º volume da *Historia de Portugal*, monumento de gloria para elle, e de ufanía para a nossa litteratura.

« O *Livro das Linhagens*, que ainda hoje existe na Torre do Tombo, attribuido ao conde D. Pedro, e que não é

Na tradição de Maria Paes sente-se isto. A' excepção de duas situações, tudo o mais levou a torrente, que tanto monumento precioso tem varrido.

Tambem ignorámos quasi todas as circumstancias do louco amor que arrojou o cavalleiro a forçar, não qualquer dama (o que era então vulgar), mas a amante do rei Sancho I. Apesar de ter o corpo agrilhoado ás paredes do tumulo, a sombra irritada do vencedor de Silves devia ainda arrefecer a audacia do homem que, pisando as suas cinzas quentes, lhe profanava as intimas affeições da vida.

A não existir uma causa poderosa, atrever-se-hia o impeto dos sentidos a tal extremo? Parece-me que não. Gomes Lourenço em Avellans nada mais fez do que revelar a desesperação de affectos mal retribuidos ou completamente desprezados.

O odio de raça, o desdem de mulher, e o escarneo, mais pungente que ambos junctos, bordaram de escuro a tela em que esses amores se despregavam. É o que indica a propria reconciliação, depois do rapto, fingida, vê-se bem, para adormecer o cavalleiro nos braços da esperanza, e arrastal-o, enganado, a morrer da morte dos traidores.

De que maneira o conseguiu Maria Paes?

Este segredo comeu-o a terra com as entranhas dos auctores do crime.

Entretanto uma conjectura pouco arrojada offerece a mais plausivel explicação. É natural que representando a comedia do amor que não sentia, e embalando Gomes Lourenço com promessas e jura-

mais que um composto de diversas memorias genealogicas, escriptas em epochas differentes, e mal coordenadas, provavelmente nos meados do seculo XV, estabeleceu a opinião, etc.» (Nota 14.ª pag. 473 in princip.)

Na confusão da Babel genealogica (assim lhe chama o Sr. Herculano n'outra parte) apparecem a cada passo claros signaes de lacunas, ou filhas do obscuro narrar dos primeiros collectores, ou, o que é mais provavel, por já correrem desfiguradas as memorias na lembrança dos velhos, archivo incerto e transitorio. Se ás injurias do tempo accrescentarmos descuido dos copistas, pouco admirará que as noticias bebidas em fontes turvas e lançadas em diversas epochas, alterando-se, passassem mutiladas da tradição oral para a tradição escripta.

É o que se observa no capitulo em que vem o rapto de Maria Paes. Tropeça-se a cada linba em erros e difficuldades insuperaveis; porque de um drama completo apenas recolheram incertos fragmentos. Só duas scenas escaparam inteiras, e a ultima com evidente falsificação; as circumstancias de que ali se reveste o assassinio de Gomes Lourenço são inconciliaveis com o caracter do rei, com as leis d'aquella sociedade, e até com o senso commum.

É por isso que, tomando do *Nobiliario* a tela já preparada, nos apartámos d'elle em quasi tudo o que pertence ao lavor do enredo e ao desenlace da acção, respeitando sempre o que resta do primitivo desenho das physionomias, ás vezes admiravel, e conservando a côr antiga que em muitas partes resuma das mesmas innovações com que o foram caiando e assarapintando de camadas de ocre e vermelhão restaurador.

Aproveitámos igualmente com religiosa diligencia todos os clarões historicos, que d'espaco a espaco alegam a monotonia das enfadonhas ladainhas genealogicas. Estes clarões, infelizmente raros, são importantes para adivinhar o « viver e crer » de seculos mortos.

N'este sentido é immenso o valor do *Nobiliario*. Sem elle é difficultoso que se evite o absurdo de attribuir ás gerações da idade media, a pretexto de lhe polir a barbaria, idéas e costumes que não foram seus, e virtudes que ella não conheceu, nem podia conhecer na preversão moral do existir de soldado nos arraiaes, e da rudeza feroz das classes, mesmo elevadas. Quem não póde fazer das antiguidades patrias o estudo exclusivo da vida, acha no *Nobiliario*, expurgando-o de fabulas insensatas, algumas feições d'essas epochas, hoje desconhecidas.

mentos, o atrahisse aos laços que tecera d'acordo com os parentes. Quem reflectir no caracter de Maria Paes, esboçado com tanto vigor no *Livro das Linhagens*, ha de concordar com esta hypothese. Mostra na horrivel sciencia da hypocrisia e da perfidia, e batendo-lhe no peito o coração de uma raça implacavel, os encantos da belleza escondiam o espirito de um demonio. Era a alma e a formosura da piedosa rainha Leonor Telles.

A' versão do *Nobiliario* sobre a morte de Gomes Lourenço preferiu-se, por mais adequado á invenção poetica, e mais conforme aos costumes do seculo o desenlace que figura neste romance. O papel que lá se dá ao rei de Leão, e a justiça arrebatada attribuida a Affonso II, oppoem-se demasiado aos usos do tempo, para ao menos serem verosimeis.

Um dos Viegas, familia enlaçada por allianças com tantas casas importantes do reino, não se justificava como villão a quem o verdugó corta as orelhas por sentença d'alvazis. A historia dos primeiros reinos mostra, pelo contrario, que os fidalgos, desenfreados pela impunidade, ousavam tudo, sem a auctoridade real ainda ter força de os cohibir.

Além d'isto, que havia o rei de estranhar, se elle frequentes vezes dava o exemplo das violencias?

Nas contendas de Sancho I e seu filho com o clero e alguns nobres, o monarcha recorreu ao incendio e á oppressão, como a meios promptos e naturaes. Os ricos-homens, de que na realidade só era o primeiro, imitando-o ou excedendo-o na fereza das vinganças, não seguiam as suas pizadas como leaes admiradores do principe?

De mais, se o rapto da *mulher de linhagem* era feito mais arriscado do que desflorar a innocencia da filha do povo, o perigo não estava no poder do rei e na severidade dos seus tribunaes; provinha das reprezalias sempre rapidas e sempre inexoraveis da familia. O roubador ficava deante d'ella como homicida de mais que a vida, da honra e orgulho da raça nobre, e só com o sangue podia lavar a nodoa e expiar a injuria. O direito de vindicta, exercido pelos parentes, legitimado nas leis, e sanctificado pelos costumes, bastava para flagellar de receios e perseguir de remorsos o coração do criminoso. Entretanto, no meio das ameaças erguidas sobre elle, o cutello do algoz, afiado por D. João II na cabeça da fidalguia, não lhe estremecia a alma com o reflexo sanguineo.

Então o rei não tinha ainda aprendido a canonicar as suas paixões com a opa da justiça, mercadejada no leilão das cubiças humanas. Ambições ou vinganças eram sinceras e andavam sem mascara. Este requinte de civilisação, ou de atrocidade legal, veio só com os tempos romanos do filho d'Affonso V, do ultimo rei cavalleiro!

Todo o enredo d'esta novella prende no odio de raça, feição caracteristica da idade media. A chronica das luctas individuaes, a das classes e concelhos, restaurada com consciencia pelo drama e pelo romance, era a pintura exacta das sociedades semi-barbaras, que dormem na urna cineraria. A originalidade tragica, e o pictoresco dos costumes, que offerece, estão gravados nos episodios tão admirados da *Divina Comedia* do Dante, e em algumas das melhores peças de Shakspeare.

Uma d'ellas, *Julieta e Romeo*, é talvez a mais bella composição do poeta inglez. Cito-a de proposito, porque recorda nos traços geraes algum tanto da tradição de Maria Paes. O interesse nasce tambem das rixas de duas familias, e as espadas cruzam-se para ensopar em sangue o atrio dos paços, e converter as açucenas de um noivado nos goivos do sepulchro.

A semelhança, porém, está só na identidade do factó. Na fabula, nos caracteres, e nos sentimentos aparta-se completamente, pela opposição de indole dos dois povos, e mais que tudo pelo abysmo que separa a poesia do Norte da poesia peninsular.

E' entretanto, Shakspeare em nenhum drama foi menos inglez do que em *Julieta e Romeo*. Meditou-a debaixo do til, como se, á sombra dos laranjaes e limoeiros, Sevilha ou Granada lh'a ouvissem metrificar. Sem ser escripta com choradeiras da pieguice sentimental, é filha legitima dos affectos da natureza. Avaliada só pela fórma parece inspirada pelo sol da Hespanha; mas o espirito desconsolado do scepticismo moral esconde-se entre os myrthos e as boninas que a vestem.

Vendo Romeo e amando-o, Julieta presente que o verme da morte está dentro da rosa colhida pelo amor. É ella quem prophetisa «que o tumulo será o seu leito nupcial, e os brandões funereos as tochas accensas no banquete de vingança das duas casas inimigas.» Longe de espairecer no jardim das illusões, a donzella apaixonada geme na tristeza as horas solitarias da noite. A lua, amiga dos amores, caíndo mollemente sobre as pedras do jazigo, parece que só lhe mostra o sitio aonde irá descansar o peito das ancias do infortunio!

Que differença entre a contemplação da morte no affecto, que resume a vida, e os extremos da paixão arrebatada, que respiram as peças castelhanas de Lopo da Vega e Calderon?! Na immensidade do desejo, e no infinito da phantasia, como que ainda se acham apertados, pedindo á esperanza azas que os levem ás regiões nebulosas do futuro. O inglez, pelo contrario, recolhe de joelhos o orvalho que goteja do topo das cruces no chão dos mortos, para regar com elle a tenra flôr que nasce para morrer. E que, segundo Shakspeare, a existencia que mais significa do que o martyrio do homem, passando pela terra de viagem para o secreto e invisivel chamado eternidade?

Chorosa no deserto dos mares e no confrangir da ausencia, as duas grandes solidões da vida, a musa britannica mal póde sorrir. Tormentas balouçam-lhe o berço, os nevoeiros toldam-lhe a luz, e a luz baça dos dias annuvia-lhe o resto. A graciosa ironia, nos climas da Peninsula, verte lá o sangue da injuria. A comedia, jovial na Italia e na Hespanha, perde o riso amigo do povo, e, não sei porque, lembra as gargalhadas dos coveiros de *Hamlet* sobre a sepultura á meia noite, quando os pyrilampos fulgem ao redor, e as brizas soluçam nos cyprestes!

A paixão do Norte é a noite dos esponsaes de Romeo (act. 2. scen. 2.) conversada ao luar. Que namorada cantiga nos trillos do rouxinol! Os suspiros da aragem e a fragrancia das flôres são harmonia e perfume entre os quaes recendem os juramentos e beijos do primeiro amor! O coração vive, e a alma liba o mel do existir. E contudo ha n'esta scena mais tristeza do que prazer. Na propria ternura reflecte-se um como clarão d'alampada funebre. A cruz da ermida, onde por fim vão morrer, negreja desde o principio por entre as grinaldas do amor.

A musa das Hespanhas não entende assim a existencia. Filha de amenos climas, não se reclina sobre as cascatas nevoentas, mas sonha acordada debaixo das arvores que bordam o leito das estradas, susurrando a beira dos rios. Não vai, como o rei Lear, exposta aos temporaes, vozeando imprecções nos desertos. Como elle, não pára, com o peito queimado para rir de um riso louco, quando resoam na solidão as mofas de Yoric, mais amargas que soluços. A luz e o sol, as flôres e as aguas, alma da natureza, tambem são a alma d'ella. O estio calmoso surprehende-a

singela e pastora a banhar-se meio corpo nas fontes, ou pulsando a lyra ao doce luar de junho.

Se chora, poucas vezes são amargosos os prantos. Se o coração suspira, raro geme pelas convulsões da dôr. Se a alma aneia, quasi nunca é de desesperação. Os delirios de Sapho, as saudades que matam, o amor que verte sangue em vez de lagrimas, no jardim do Minho e na primavera da Hespanha, nunca se levantam como os sinistros espectros do ciúme de Othello, do scepticismo de Hamlet, e da furia de Lear.

As paixões da Peninsula são ardentes, porque o sangue portuguez queima como africano; mas a esperança, mesmo no meio das vascas da morte, aponta para o céu. Padecer é expiação e não inferno. O que, desfallecido do pezo da cruz, ajoelha e cáe, não expira enchendo a terra, como Byron, dos clamores do scepticismo. Acima das tempestades do oceano, em que a vida se afunda ou sobrenada, está Deus para estender a mão de misericórdia tanto a quem o implora com a fé, como a quem o chama com amargura.

Na harpa do Norte falta esta chorda de consolação religiosa; e a alma enfeza-se, mutilada dos mais nobres sentimentos. O coração, cortado d'espinhos, sangra, sem conhecer a paz que só dá a resignação ao animo contricto.

A opposição de idéa e de natureza entre a poesia do Norte e do Meio-dia contitue a originalidade d'ellas. Os cantos de Macpherson em Castella e Portugal nem sequer eram intelligiveis para o povo.

Tem-se dicto de mais para tirar qualquer suspeita de semelhança entre a tradição do *Nobiliario* e a *Julietta e Romeo* de Shakspeare. Agora seja permittido accrescentar duas palavras para explicar o fim que se teve em mira, accetando-a para base das ficções da novella historica.

A côr antiga do *Livro das Linhagens* serviu de fûndo ao painel em que se tentou debuxar algumas scenas do seculo XIII. O povo acha-se retratado, de escorço, nas ondas da praça publica, aonde ensaiou a vida energica dos reinados de D. Fernando e D. João I, e esboçado de leve nos costumes intimos e menos apparentes, que se concentram ao pé da fogueira no lar domestico. As leis conservadas no *Fuero viejo de Castilla*, e os usos civis e religiosos, colligidos pelo sabio Berganza nas *Antiquidades de Hespanha*, ministraram tintas, hoje raras, para ás já obliteradas physionomias do clero e da nobreza na idade media. As virtudes e os defeitos das classes, quanto era possivel em breve quadro, resumiram-se, para melhor resair o espirito de que outr'ora viveu a sociedade que tanto lidou pela gloria do nome portuguez.

Em assumptos *historicos* o dever do romance consiste em expressar o *viver e crer* de Portugal, ou de outra qualquer nação, n'uma epocha designada. Evocar o cadaver do tumulo, e envolto no sudario mostra-lo ás gerações presentes em *caricatura*, ou como gigante monstruoso, é crear uma cousa vã. Se não se derem aos mortos os sentimentos e crenças que os animaram, e as paixões humanas por que padeceram, fez-se tudo, menos uma obra util. Para os calumniar não val a pena assoprar-lhes as cinzas.

A religião de sepulchro é tão sagrada para a arte como para a historia.

Porém a *verdade*, nos labores da imaginação, está em reproduzir a essencia, e não em suar para dissolver em arengas semsabores e palavrões torcidos a tinta de cada letra dos pergaminhos velhos. O verdadeiro espirito dos seculos foge sempre dos copistas que o julgam coher n'uma rede de apanhar vocabulos.

Aquelle que entender esta grande regra, e a a exprimir na historia ou no romance, levantou um monumento litterario capaz d'esmagar a inveja de todos os torniquetes de phrases quinhentistas. Felizmente a novella e a historia já nasceram em Portugal, e seria duvidar da gloria do seu auctor o citar-lhe o nome.

Quanto se tractou este romance havia o pensamento de fazer d'elle o prologo em acção de obra de maiores dimensões, já riscada. Para alli se reservava tambem o corollario moral no espectáculo dos remorsos de Maria Paes. O castigo, caíndo sobre os que eram sangue da sua alma até a segunda geração, cumpria as maldições contra ella proferidas por Gomes Lourenço na hora suprema. Se o tempo o consentisse, a segunda parte da novella satisfaria ás condições moraes que importa combinar com as invenções do romance.

Todos as hypocrisias são immundas, mas a mais asquerosa de todas, a dos Labras litterarios, só iuspira dó a quem não negoceia popularidade, exaggerando as tendencias da epocha. A maior punição de taes homilias, pulvilhadas com o gorgulho dos archaismos, está no escarneo com que as flagella a sensata opinião publica. Hoje é tão necessario acatar a moral como declinar qualquer de si a accusação de pertencer á seita dos *irmãos da charidade* da republica das lettras.

Por ultimo, como esta tradição revê a mais funda melancholia e chora sobre vivos e sinceros affectos, talvez com motivo se adoptou para epigraphe este verso de Shakspeare em Othello:

“She was born to be fair; I to die for her love.”

De certo o desgraçado Gomes Lourenço se já existisse no seu tempo, diria com o poeta inglez:

Ella nasceu para matar d'encantos,
Eu para amando-a em vão, morrer d'amores.

É que Shakspeare, mestre na sciencia do coração humano, sondou a ferida que este desespero corta no peito; é, em duas palavras, a historia do martyrio do infeliz cavalleiro de Salzedas.

O infinito padecer d'aquelle homem, bastante para encher uma vida de seculos, está resumido n'esse verso sublime, escripto com lagrimas na alma pura de Desdomana.

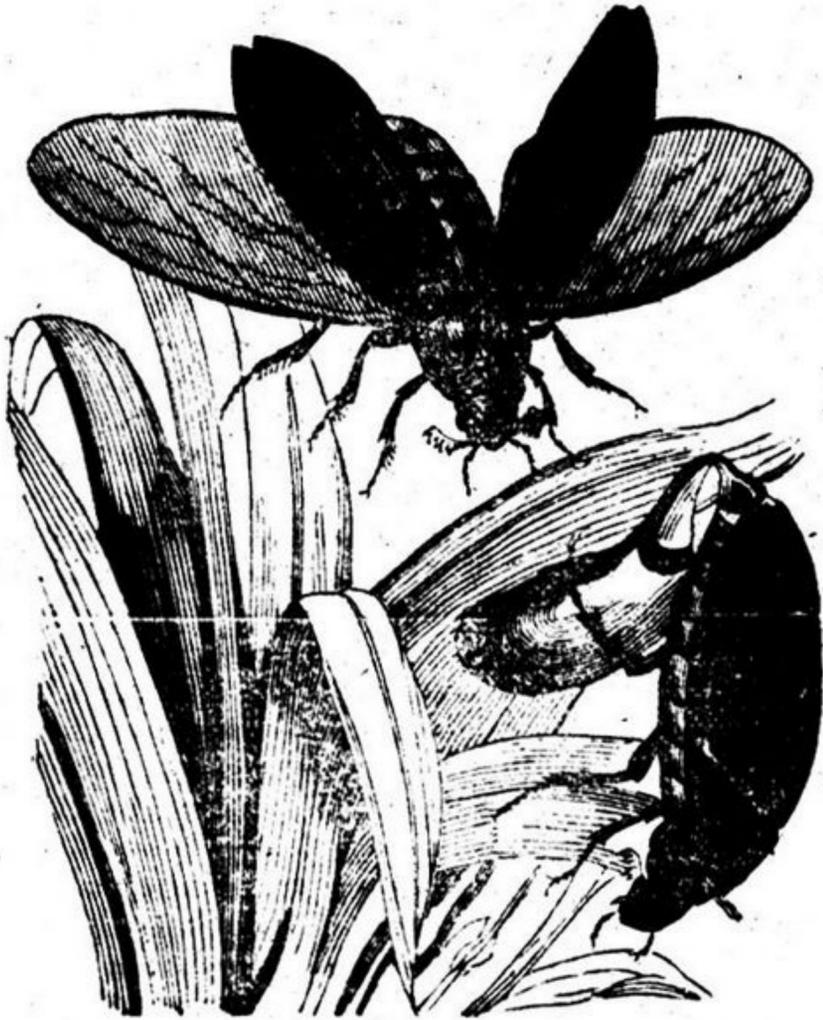
Margó 28 de 1847.

L. A. REBELLO DA SILVA.

CARREGAÇÃO SINGULAR.

Ruins chocarreiros metteram em cabeça a um tal Larose, guarda roupas de Mr. d'Argental embaixador da França em Constantinopola no anno de 1690, que se levasse para a Turquia boa quantidade de cabelleiras, acharia gasto prompto e d'este modo enriqueceria. O pateta credulo empregou todo o peculio das suas poupanças em comprar cabelleiras; e apenas chegou a Constantinopola communicou o segredo a um negociante francez, que desatou a rir, como é bem de suppôr, e declarou ao parvo que fóra victima de um opio; esta revelação pôz o triste Larose em grande desconsolo e melancholia. Percebeu Mr. d'Argental quanto o seu guarda roupas andava magoadó, e quiz saber o motivo: informado do caso não pode deixar de rir tambem; mas condoendo-se do criado, fallou no outro dia ao grão visir a vêr se haveria meio de tarde ou cedo se expedir a fazenda; o grão visir, que-

reudo agradar ao embaixador, affirmou-lhe que o negocio finha bom remedio. Com effeito, logo no dia immediato um firman ordenou a todos os judeus de Constantinopola trazer cabelleiras. Este ridiculo abuso do poder despotico espalhou terror entre os judeus. Como obteriam de prompto cabelleiras? Larose aproveitou-se d'este apuro dos pobres hebreus e vendeu bem o seu genero, e poude, ao voltar a França, zombar dos farcistas que o tinham empulhado.



● HYDROPHILO.

Na classificaçãõ de insectos chamaram os naturalistas coleópteros aos que são munidos de queixos e de duas azas cobertas por dois elytros, ou estojos, de substancia cornea, debaixo dos quaes se dobram. Esta classe é mui numerosa e variada, contendo insectos mui brilhantes, e outros nojentos e despreziveis. Entre os seus diversos generos conta-se o dos hydrophilos, que por muito tempo foi confundido com os dytiscos, debaixo da geral denominaçãõ de escaravelhos aquateis; o nome dos primeiros quer dizer *amadores da agua*; dytisco, igualmente de origem grega, significa *mergulhador*. Ha uma multidãõ d'insectos d'esta raça nos tanques, lagos, aguas encharcadas, pantanos, e até nos ribeiros. Acham-se grandes e pequenos, pretos e pardos, que têm o corpo oval ou oblongo, convexo e com bordas, a cabeça chata, e tambem os dedos das pernas chatos em fórma de remos, pelo que principalmente os confundiram com os dytiscos, que vivem no mesmo alimento. As larvas d'estes insectos, isto é, o primeiro estado ao sair do ovo, são uns vermes aquaticos de seis pernas, e queixos compridos e curvos, mui destruidores, e prejudiciaes nos tanques e viveiros por devorarem as desovas dos peixes; escondem-se debaixo da terra para se metamorphosarem. O insecto no seu estado perfeito nada, mergulha; porém anda mal, e só vãõ, ao modo das baratas, proximo da noite para mudar de aguas. Quando a femea quer pôr os ovos, busca um bocçado de pau, uma folha larga, ou cousa se-

melhante, e ahi os depõe, cobrindo-os com uns fios de côr parda, macios como seda, que tece de sua propria substancia, abandona depois este casulo, que fluctua ao sabor das aguas até que saiam as larvas e caiam no charco; estas nadam velozmente, mergulham com muita presteza, e exhalam um cheiro desagradavel; vãõ e veem da agua, como lhes convém, até o tempo da metamorphose, que então alcançam as margens seccas, cavam a terra e ahi se retiram até tomarem a fórma de escaravelho; depois da qual o insecto vãõ e está perfeito.

DESCIDA AO VOLCÃO DE KIRAUEA.

Nos ANTIGOS compendios de geographia citavam-se geralmente tres volcões em actividade, o Vesuvio e o Etna sobre o Mediterraneo, e o Hecla na Islandia, porém os modernos descobrimentos fizeram bem conhecidos outros muitos em remotas regiões.

O volcão de Kirauea está situado na parte meridional da ilha de Oahu ou Owyhee a mais consideravel do archipelago de Sandwich. Esta ilha, como outras muitas do Oceano Pacifico, é de formaçãõ volcanica: dilatadas correntes de lava cobriram depois grande parte da sua superficie; algumas, da extensãõ de oito leguas, vieram precipitar-se no mar do alto das ribas de penedia. Em 1800, uma d'essas grandes torrentes, expulsa por uma das crateras da ilha, entulhou uma bahia vasta, e formou n'esta paragem a costa actual. A lava recente appresenta a superficie inteiramente nua, sem que n'ella bote uma fevera de herva, ao passo que a mais antiga se decompoz e está recamada de riquissima vegetaçãõ. Fóra d'isto, o aspecto de Owyhee mostra-se encantador, offerecendo por todos os lados vistas admiraveis; algumas das suas montanhas elevam-se quinze a dezeseis mil pés acima do nivel do mar. Porém, o volcão de Kirauea não é como os outros, mais nomeados, um monte truncado, sobranceiro ao territorio adjacente, e que de toda a parte se divisa; pelo contrario, occupa o centro de uma vasta planura, levantada mas chã, e é preciso chegar á beira do precipicio para se descobrir subitamente o seu immenso foco. — Ouçamos a relaçãõ de um viajante. —

Na madrugada de 7 de maio de 1843 saímos da bahia de lord Byron para visitar aquelle celebre volcão. Passada uma a duas horas de caminho por meio de uma campina deliciosa, cortada de outeiros e valles, semeada de bosquesinhos de bellas arvoress chegámos a uma floresta um tanto extensa; o solo era tão espinhado de abrolhos, enlaçados por tal fórma com trepadeiras e outras plantas que rojam pelo chão, que muito nos custou a atravessal-o. A' saída d'esta matta, ainda era mais agradavel a paizagem; mas d'ahi a pouco appresentou-se de aspecto sombrio e de assolaçãõ; caminhavamos sobre uma camada de lava de perto de duas leguas de largura; era de formaçãõ recente, e tão lisa e escorregadia que era difficil firmar os pés; n'outras partes era tão escabrosa e cheia do escorias que só podiamos andar com muito trabalho. Aquem e além surgiam alguns enfezados arbustos que haviam tomado raiz n'aquelle solo requemado, e de ambos os lados do leito da torrente corriam mattas de arvores anãs e pobres de rama. Descobriam-se ao longe as magestosas assomadas de Muna-Roa Muua-Kea; á direita e á esquerda perdia-se a vista na immensidade do Oceano, e a côr das aguas confundia-se com o azul dos céus.

Antes do pôr do sol tinhamos ganhado até á origem da lava, mas estavamos exhaustos de cansaço, e démo-nos por felizes de achar abrigo para a noite

n'uma choça mal reparada que os naturaes tinham construido, onde dormimos profundamente. No dia seguinte estavamos a caminho ao romper d'alva, e não tardou que descobrissemos a fumarada do volcão em graciosos redemoinhos. Apertámos o passo e chegámos pelas nove horas a uma especie de lago de enxofre e de escorias, d'onde se exhalavam os vapores; apanhámos algumas crystallisações, mas não nos demorámos. Logo nos prenden a attenção uma longa abertura que se estendia de 500 a 600 passos para diante da cratera; tinha de largura 30 pés por 700 a 800 de comprimento, e d'ella saíam incessantes turbilhões de vapor tão quente que os nossos guias cozeram com elle batatas em poucos minutos. Este vapor, em consequencia do contacto com o ar frio, condensa-se, e perto d'alli formou-se um bonito lago de agua excellente, a unica que se topa a muitas leguas em redondeza; é ensombrado d'arvores altas, e n'elle folgam bandos numerosos de aves aquaticas.

Eram dez da manhã; e depois de havermos passado o pego de enxofre, caminhavamos por um leito de lava extremamente accidentado, costeando escuras fendas, com que o terreno estava todo rachado, e a que os olhos não descobriam fundo. A final démos com a principal cratera de Kirauea, que mede tres leguas de circuito; e suspendemos os passos á borda de um precipicio, onde a vista se desvairava mergulhando n'um escancarado medonho abysmo a muitos pés abaixo de nós, onde todos os elementos da natureza pareciam baralhados em lucta uns com os outros; nada mais podíamos distinguir do que massas enormes de fogo rolaem-se como vagas encapelladas. Este abysmo, que parecia verdadeiro respiradouro do inferno, estava salpicado de muitos cones volcanicos, do vertice dos quaes jorravam de continuo torrentes de lava derretida, chegando nós a sentir o calor d'estas erupções. Da profundeza se levantavam agudos silvos, espantosos mugidos, e um como rebombar de trovões, acompanhado tudo de espessas nuvens de vapor, cinzas e fumo.

Tão grave e temeroso espectaculo bastava para gelar corações os mais animosos; porém, sobejos eram os perigos com que na vida tiuhamos arrostado, para hesitarmos perante outros obstaculos. Armado cada um de nós de comprido bordão para sondar o terreno ignoto a que nos aventuravamos, começámos a descer á cratera; o perigoso declive por onde investimos era ás vezes quasi a pique, e sulcado de gretas fundas; adiantámo-nos com precaução, e ao fim de tres quartos d'hora estavamos no fundo da cratera, sobre o proprio solo do volcão. Contámos vinte e seis montes conicos distinctos que variavam na altura de vinte a sessenta pés, sómente oito d'elles eram activos. Trepamos a alguns dos que expelliam só vapor e cinzeiro, e d'onde trashedava material avermelhado e ardente; até que chegámos tão perto da bocca de um que podémos mergulhar os bordões no fogo liquido; lançámos n'outro volumosos pedaços d'escorias, que logo foram despedidos para o ar.

Entre os objectos de curiosidade que apresentava n'aquelle momento o boqueirão ou cratera grande numeravam-se os charcos de lava derretida: distinguam-se seis, o maior na direcção de sudoeste. Chegados á borda, não podémos contemplar sem admiração o espectaculo d'aquelle mar de fogo que redemoinhava a mais de trezentos pés abaixo do lugar que occupavamos; pujantes vagas inflammadas rebentavam de encontro ás paredes do boqueirão, e ao mesmo tempo repuxos de lava incendiada, atirando-se á altura de 60 a 70 pés, produziam tão intenso calor que fomos obrigados a retirar-nos precipitadamente. Passados alguns minutos a scena mudou como por

encantamento: abonançou tudo, e a superficie do lago não mostrava aos olhos espantados senão uma informe e negra massa d'escorias. Porém a natureza tinha apenas descansado um instante para recuperar forças novas; em quanto observavamos esta maravilhosa mudança, a codea que se formára á superficie começou a rachar e despedaçar-se de uma a outra extremidade; a lava no estado de fusão, alteando e estalando por todas as partes aquella fragil capa, cobriu de novo a extensão do lago, á excepção de uma ilha que notámos no centro, e que parecia dar balanços como um navio em mar tormentoso. Vimos reproduzir-se muitas vezes o mesmo phenomeno, sempre acompanhado dos mesmos effeitos. — Atravessámos então o fundo da cratera, negro e desigual, cortado de extensas e altas fendas, e d'ahi a algum tempo fomos parar defronte de um longo dique formado de lava endurecida; depois de o termos galgado, e descido uma ladeira de obra de 40 pés, achámo-nos n'um plaino que toma quasi a quarta parte da superficie total da cratera. Não tardou que conhecessemos que não podíamos estar alli muito tempo, porque a infinidade de gretas por todas as direcções descobriam o fogo subterraneo a poucas pollegadas da superficie que pisavamos: um dos meus companheiros accendeu o cigarro n'uma d'essas aberturas. Encontra-se enxofre com abundancia no volcão e immediações; era toda d'esta materia a parede da cratera no sitio onde estavamos, a qual não tinha menos de mil pés de alto, antesteria mais. Andavamos occupados em colher n'aquelle escarpa algumas formosas amostras de crystallisações, quando um grande pedaço em bruto que se desapegou por acaso rodou para uma das aberturas; foi-nos forçoso retirar a toda a pressa, e assim mesmo esteve a ponto de nos suffocar a fumaça que surgiu. Havia mais de cinco horas que percorriamos a cratera, e alli estariamos de boa vontade por mais tempo; porém os derradeiros raios do sol a pôr-se douravam a aresta da bocca do precipicio, e por isso começámos a subir, operação assás difficil, e que nos consumiu nada menos de cinco quartos d'hora. Dirigimo-nos á mesma cabana da precedente noite, e em quanto as sombras engrossavam aviámos uma refeição frugal; mas não podémos resolver-nos a dormir sem fazer a ultima visita á cratera de Kirauea; pozemo-nos com todo o vigor a caminho, e tendo chegado, não sem custo, porque tropeçavamos a cada passo, contemplámos novamente da beira do precipicio aquella immensa voragem allumiada por a lava incendiada: toda a superficie do plaino que tiuhamos visto cheio de fendas parecia-nos agora uma rede de lava ardente. Quando examinavamos este espectaculo, que a obscuridade nocturna fazia realçar, transformou-se de subito a planura n'um vasto lago de fogo; a crusta solida liquidificou-se, e os lados derrubados misturaram-se com a massa agitada. Pozemo-nos em retirada, estremecendo com a lembrança de que poucas horas antes estavamos n'aquelle mesmo lugar, onde agora ferviam cachões de fogo. No seguinte dia voltámos á cratera; tudo achámos no mesmo estado; o novo lago continuava a ferver, e os cones volcanicos despediam aos ares fragmentos de rochas calcinadas, acompanhadas de rolos de vapores que se evadiam por entre sibilos; o grande lago do sudoeste achava-se nas mesmas crises convulsivas que na vespera. E por esta vez démos ao volcão a nossa despedida.

Não estejas nunca entre os perseguidores; está antes entre os perseguidos.

SEITAS RELIGIOSAS NOS ESTADOS-UNIDOS (1).

Os Estados-Unidos do norte da America teem feilo innovações na religião como na politica. As diferentes seitas inglezas, passando do antigo para o novo mundo, mudaram de caracter, de disciplina, e ainda mais de proporções relativas.

Nos Estados-Unidos a maior parte das seitas praticam o que chamam *revivals* (revificações), que teem por objecto avivar o zelo religioso. O *revival* consta de rezas em commum, sermões, practicas, reuniões prolongadas, visitas domiciliarias: parece-se de algum modo com as missões provinciales dos catholicos.

As igrejas americanas apresentam o reflexo das instituições politicas do paiz; os ministros são alli mais dependentes dos fieis do seu rebanho do que em parte alguma; são escolhidos e até amoviveis por elles: a dependencia é mais ou menos absoluta conforme as diversas seitas; é muito maior entre os congreganistas, cujas igrejas são isentas umas das outras, ao inverso das outras seitas que reconhecem mais ou menos auctoridades superiores, como por exemplo os synodos e a assembléa geral dos presbyterianos. Os methodistas, tendo poucos ou quasi nenhuns ministros residentes, esquivaram-se ás difficuldades que por outra parte resultam da situação precaria dos ministros.

Além dos ministros ou pastores ha nas varias seitas outros funcionarios ecclesiasticos: quasi todas teem anciãos (*elders*) que tomam parte no governo espiritual das igrejas, e diaconos, especialmente incumbidos da administração dos recursos temporaes das mesmas; estes ultimos, entre os congreganistas e os baptistas, reúnem as attribuições dos anciãos.

É sabido que na Inglaterra a igreja numericamente dominante é a episcopal, estabelecida pelo governo; na Escocia, do mesmo modo, o é a presbyteriana; na Irlanda, a catholica, tolerada pelo governo. Além das igrejas reinantes na Inglaterra e Escocia, ha seitas, igualmente protestantes, a que chamam dissidentes, que compoem mais de metade da população das cidades, e as duas quintas partes, pelo menos, da população protestante de todo o paiz: as principaes d'estas seitas são, a denominada presbyteriana, que se não deve confundir com os presbyterianos da Escocia, a dos independentes, a dos baptistas, e a dos quakers ou amigos; as tres primeiras assemelham-se muito, e differem da igreja estabelecida ou dominante pela muito maior latitude na disciplina ecclesiastica, concedendo todas muito á independencia individual. Os methodistas inglezes, posto que façam corpo a parte, não são contados entre os dissidentes; permanecem annexos á igreja dominante; são como jansenistas anglicanos.

Nos Estados-Unidos a igreja episcopal anglicana é muito pouco numerosa; não chega á vigesima quinta ou á trigesima parte da população. As seitas dominantes são: 1.^o methodistas; 2.^o baptistas; 3.^o presbyterianos; 4.^o congreganistas. Além d'estas ha uma grande quantidade de seitas separadas d'estes ramos principaes ou que vieram da Europa. Os catholicos, em numero de quasi setecentos mil, estão repartidos por dez bispados. Ha finalmente os quakers, e outras communhões menos importantes. Os unitarios, que muito se chegam ao *deísmo*, e a quem todos os outros chamam *inficis*, saíram dos congreganistas.

Os methodistas dos Estados-Unidos differem dos

de Inglaterra, assim na disciplina, como pelas formulas que adoptaram, compoem uma seita inteiramente distincta; elles é que fazem as assembléas em campo aberto, especie de *revivals*, que lhes é particular. O seu clero consta de padres ambulantes, possuidos da vehemencia, actividade e espirito de proselytismo, taes como em França manifestaram logo depois da restauração os missionarios catholicos: tem seis bispos que andam sempre em visita. Os congreganistas constituem igrejas reciprocamente independentes, que não teem outras relações mais que as *conferencias*, *convenções* ou *associações*, e que não publicam decisões obrigatorias, mas sómente simples disposições facultativas; tambem ha entre elles *conselhos* compostos de delegados das igrejas confinantes, e que só teem attribuições consultativas; até a ordenação dos ministros, que é feita em *conselho*, procede, de facto e direito, das mesmas igrejas, isto é, do povo. As igrejas presbyterianas estão associadas, formam um corpo, ainda que na verdade mediocremente compacto, e dependem de uma assembléa geral e de synodos parciaes. Os congreganistas são tambem chamados *independentes*, nome dos sectarios que na Inglaterra lhe correspondem em doutrina. Os puritanos creadores dos Estados da Nova Inglaterra eram d'esta communhão. A sua propria organização mostra bem que ha entre elles muitas gradações; n'alguns casos approximam-se das opiniões presbyterianas. Os baptistas, que não são mais do que uma derivação dos congreganistas, differem d'estes em baptisar as pessoas só quando já são adultas; usam tambem de uma linguagem mais democratica, e mais vehemente; em geral os seus adeptos pertencem ás classes menos polidas.

Nos Estados da Nova Inglaterra a maioria dos habitantes é congreganista, seita que fóra d'esses Estados apenas existe. Os Estados centraes são os que comprehendem presbyterianos em maior proporção; os de Ohio, Indiana, e o Illinez, não contém tanta quantidade d'elles.

Os methodistas e baptistas dominam nos Estados do sul e de oeste, onde sobre tudo existem escravos; além d'isso apparecem em toda a parte.

É nos antigos Estados do sul que os episcopaes contam mais adherentes: boa parte das pessoas illustradas ou ricas da União, em geral, pertencem a esta communhão ou á dos unitarios.

São numerosos os catholicos na Luiziana e no Maryland, e os emigrados irlandezes engrossam o numero d'elles no oeste e norte.

Acham-se os quakers quasi unicamente na Pennsylvania e Nova Jersey. A igreja reformada hollandeza conta certo numero de adeptos n'estes dois Estados e no de Nova-York. É sabido que os hollandezes foram os primeiros que colonisaram as margens do Hudson.

Acham-se tambem na União todas as variedades do protestantismo europeu, ou porque em outro tempo refugiados de todas as nações ahi buscassem asylo para o livre exercicio de suas crengas, ou porque a emigração acarreta para alli presentemente homens de todas as seitas. Quanto á primeira hypothese, é certo que depois da revogação do edicto de Nantes, certo numero de huguenotes se refugiaram na America ingleza; estabeleceram-se particularmente na Carolina do sul, onde ainda os seus descendentes representam entre as familias mais respeitaveis do paiz.

A seguinte lista é extrahida de uma tabella do *Almanak Americano*.

(1) Extracto da interessante e muito applaudida obra do Sr. Miguel Chevalier sobre a America do Norte, da 4.^a edição, em 1844, muito augmentada.

Seitas.	População.
Methodistas episcopaes.....	3 300 000
Outros methodistas.....	300 000
Baptistas, ou anabaptistas.....	3 200 000
Outros baptistas, denominados do <i>setimo dia, dos seis principios, do livre arbitrio, christãos, mennonitas, tunkers, etc.</i> ...	700 000
Presbyterianos.....	2 000 000
Outros presbyterianos, dictos de <i>Cumberland, associate church, etc.</i>	300 000
Congreganistas.....	1 500 000
Reformados d'Hollanda e d'Allemanha, lutheranos.....	1 000 000
Episcopaes.....	500 000
Unitarios.....	200 000
Irmãos unidos, Nova Jerusalem, judeus, etc.....	300 000
Quakers.....	200 000
Universalistas.....	300 000
Catholicos.....	700 000
	<hr/>
	14 500 000

Esta lista mostra approximadamente a distribuição da população americana na proporção das diversas opiniões religiosas.

ALGUMAS PROVIDENCIAS REPRESSIVAS NOS ESTADOS-UNIDOS.

Em nenhuma parte o poder da sociedade sobre o individuo foi levado a tão subido auge como em a Nova-Inglaterra. No Connecticut havia leis para regular o tempo que era permittido demorar-se qualquer na taberna (meia hora), o maximum que podia beber (meia canada); depois das nove e meia da tarde as estalagens e tabernas deviam fechar-se. Não era permittido aos celibatarios ter casa sem consentimento dos habitantes da communa; nenhum pae de familia podia receber na sua casa um celibatario sem a mesma formalidade. — Era prohibido praguejar, mentir, espalhar noticias falsas, e até era defeso usar do tabaco sem ter auctorisação do medico, declarando que era por bem da saude; e para isso era preciso ainda em cima a licença do tribunal. — Outros regulamentos simplesmente vedavam fumar em publico. Ainda no anno de 1846 os magistrados de Boston prohibiram fumar no passeio publico da cidade (*Malt*), que é uma cerca muito vasta.

Inutil é dizer que as leis das colonias da Nova-Inglaterra eram de grande severidade religiosa; todos eram obrigados a pertencer a uma igreja congreganista, e não podiam obter empregos sem esta condição: os dissidentes pagavam para as despesas do culto da igreja dominante. Os judeus e quakers eram banidos e sujeitos a pena de morte se se apresentassem no territorio do estado. — As leis chamadas *azues* de Connecticut continham tambem prescripções mui curiosas ácerca de matrimonios.

Não restou d'esta legislação, que já caducou, senão uma forte organização municipal. Comtudo, ainda hoje a communitate interveni algumas vezes na vida privada do individuo, a ponto de o despojarem de direitos que nos parecem os mais naturaes e imprescriptiveis. Em Taunton, no Massachusetts, em 1846, dois juizes de paz prohibiram a publicação dos *banhos* ou *denuncias* para casamento a um homem e a uma mulher, porque os futuros conjuges não tinham meios de subsistencia depois de casados, e por consequencia

não tinham assaz discernimento para contrahir um contracto tão importante. — Estados ha em Allemanha, onde as auctoridades exercitam igual fiscalisação sobre os matrimonios.

A lei de muitos Estados vedava antigamente viajar ao domingo: era prohibido fazer n'esse dia cousa alguma que não fosse de absoluta necessidade (*of necessity or mercy*). Cremos que esta lei foi abrogada em todos os Estados sem excepção; porém n'alguns ficou a pratica, e para grandissimo numero de pessoas viajar ao domingo é uma grave quebra da lei religiosa.

N'alguns Estados da Nova-Inglaterra, no Connecticut por exemplo, e até n'alguns Estados do centro, como em a Nova-Jersey, expor-se-hia a ser retido pela gente popular quem quizesse viajar ao domingo; por toda a parte se acha interrompido o serviço das carruagens publicas e das embarcações de transporte. Não ha circulação ao domingo, nem mesmo entre Philadelphia e Baltimore.

Os transportes dos correios partem ao domingo, como nos mais dias. Numerosas petições se teem dirigido ao congresso a este respeito. Os requerentes pretendiam que não houvesse malas de posta ao domingo, e mesmo que os respectivos escriptorios estivessem fechados. Comtudo foram rebatidos. No entanto, de tres companhias dos caminhos de ferro que vão dar a Boston, duas não abrem a circulação ao domingo; e são as de Lovell e Worcester; tal é o respeito ao habito inveterado do povo, que prescindem dos lucros não pequenos que lhe podiam provir do transito n'aquelle dia.

MODO DE DESENFERRUJAR E CONSERVAR AS FERRAMENTAS DOS MARCENEIROS ETC.

TIRA-SE com facilidade a ferrugem dos utensilios e ferramentas com a seguinte preparação.

Mistura-se uma libra de argila bem dura com meia libra de pó de tijolo muito fino, duas onças de esmeril, e igual porção de pedra pomes moida; incorpora-se tudo com um pouco de leite, de modo que fique uma massa rija, de que se fazem uns páus, com os quaes, depois de seccos, se esfregam as ferramentas.

Estando o ferro limpo e polido, é preciso livral-o da ferrugem, o que se consegue expondo-se a peça de ferramenta ao lume, dando-se um calor algum tanto forte sem comtudo a chegar muito perto do fogo, esfregando-a com cera branca, tornando-a a aquecer, e limpando-a n'um pedaço de panno. Para os instrumentos delicados val mais usar d'um verniz. Os inglezes preparam-n'o derretendo em banho-maria, n'uma porção de espirito de vinho que baste para dissolver tudo, uma onça de mastique, meia onça de camphora, onça e meia de sandaraca, e meia onça de resina elemi. Este verniz pode-se dar mesmo frio.

Conté, que fez tantos serviços á industria, empregava um meio ainda melhor. Depois de ter limpado os utensilios com uma lixivia forte, usava, para os envernizar, de uma mistura de verniz gordo, feito de resina copal, com um, dois, e até tres tantos de essencia de therebentina. Quanto mais essencia tem o verniz, mais transparente fica. Da-se com uma esponja muito fina, molhada primeiramente na essencia, espremida entre os dedos, ensopada no verniz, e tornada a espremer, de modo que fique com muito pouca porção d'elle. Corre-se com a esponja a peça, fugindo de a tornar a passar por cima do mesmo lugar depois da primeira demão ter enxugado. Este methodo é optimo, principalmente para quem trabalha por curiosidade.